

5ª Parte

Transcrições

Adolfo Caminha: Centenário de Dois Livros

Sânzio de Azevedo

Este ano, que é, para as letras cearenses, o do centenário dos *Cromos*, de X. de Castro, d' *Os Pescadores da Taíba*, de Álvaro Martins, d' *Os Diferentes*, de Quintino Cunha, d' *Os Brilhantes*, de Rodolfo Teófilo e das *Trovas do Norte*, de Antônio Sales, é também o dos 100 anos de dois livros de Adolfo Caminha: *Bom-Crioulo*, um romance, e *Cartas Literárias*, um volume de crítica.

Bom-Crioulo, como se sabe, causou celeuma quando surgiu, pela audácia com que focaliza um caso de homossexualismo na Marinha de Guerra; é certo que desvios dessa ordem já haviam aparecido na literatura brasileira, e lembro a cena de amor entre Léonie e Pombinha n' *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, editado em 1890. Mas enquanto esse trecho do romance de Aluísio quase se dilui ao longo da narrativa, o relacionamento de Amaro, o "Bom-Crioulo", com o grumete Aleixo é a própria espinha dorsal do romance de Caminha. Isto só tem precedente n' *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho, em Portugal e, no Brasil, em *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, obra praticamente desconhecida, que é citada pelo próprio Adolfo Caminha num artigo em que se defende de acusações ao seu romance. O artigo, "Um Livro Condenado", foi estampado n' *A Nova Revista* (da qual ele era diretor), em 1896. Começando por dizer que a crítica do Rio de Janeiro "está entregue ao diretor de uma Companhia de seguros de vida e ao chefe de um estabelecimento nacional de instrução nos quais identificamos, respectivamente, Valentim Magalhães (com quem sempre andou às turras) e José Veríssimo (que nem mesmo lhe citaria o nome na *História da Literatura Brasileira*), diz Caminha que veio daí "a sentença que condenou (o livro) à execução pública". Para o escritor, a seguir-se o critério que foi usado, deveriam ser condenados nomes como Flaubert, Zola, Huysmans, Maupassant e Eça de Queiroz.

A verdade é que *Bom-Crioulo*, que mais de um crítico já chamou de sombrio, é o ponto mais alto da obra de Caminha, romance onde o autor atingiu uma perfeita unidade estrutural, sem a mais leve descaída. Lúcia Miguel-Pereira, para dizer que o livro não é isento de fraquezas, aponta-lhe “a ausência de poesia”. Não sei se isso é defeito numa obra naturalista à *outrance*, como desejou fazer e fez o escritor, ao pintar o drama triste e amargo não só de Amaro e Aleixo, mas de quantos atravessam essa história áspera. Por sinal a própria Lúcia Miguel-Pereira não hesita em colocar o *Bom-Crioulo* ao lado d’*O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, como “o ponto alto do naturalismo” em nosso País.

Editado por Domingos de Magalhães em 1895, *Bom-Crioulo* só teria outra edição em 1936, a de J. Fagundes, que altera criminosamente o texto original; somente a terceira edição, da Simões, de 1956, organizada por Adriano da Gama Kury, restabelece o texto primitivo, felizmente respeitado nas edições que se lhe têm seguido.

As *Cartas Literárias*, único livro de crítica deixado pelo autor, é a reunião de artigos publicados de novembro de 1893 a julho de 1894 na *Gazeta de Notícias* do Rio, como informa Tristão de Athayde, acrescentando que os artigos eram assinados por iniciais, mas não A. C., e sim C. A., o que o levou a pensar em Capistrano de Abreu ou Constâncio Alves. E observa o crítico que não chegou a pensar em Caminha não só pela inversão das letras, mas porque “o artigo inicial da série era justamente a apologia de um livro de... Adolfo Caminha”. No livro, sem indicação de editora na folha de rosto, mas composto na Tipografia Aldina (como indica a penúltima página), figura com efeito um trabalho em que o escritor defende a autenticidade d’*A Normalista*.

Caminha chega, nesses artigos, a fazer restrições a nomes consagrados, como quando censura, em Coelho Neto, “o amaneirado inútil da adjetivação, o emprego desnecessário e mesmo antiestético de vocábulos raros, cuja presença nem sempre dá mais força e beleza à expressão, tornando-a, pelo contrário, vaga e prosaica”. Tratando dos *Contos Fora da Moda*, de Arthur Azevedo, reputa-os “frívola e seródia pantomima”, e considera o livro “inferior às revistas de ano com que ele já habituou o nosso público”. Por fim, lamenta não haver Artur Azevedo feito uma obra que fosse “uma

lição para essa mocidade que anda se iludindo com os simbolismos de uma arte falsa e pobre, rebuscada em Verlaine”.

Quem ler este trecho ficará admirado com esta outra afirmação do crítico: “Se me perguntassem (...) qual o artista mais bem dotado entre os que formam a nova geração brasileira - pergunta indiscreta e ociosa – eu indicaria o autor dos *Broquéis*, o menosprezado e excêntrico aquarelista do *Missal*, muito embora sobre mim caísse a cólera olímpica do Parnaso inteiro.” Mas a explicação do fato de Caminha atacar os simbolistas e elogiar a obra de Cruz e Sousa (justamente o maior deles) está no mesmo artigo quando, ainda falando do poeta, afirma : “Não tem escola; sua escola é o seu temperamento, a sua índole, e este é o maior elogio que se lhe pode fazer.”

É claro que se pode discordar de vários passos do livro: há um momento em que o autor afirma que o meio mais propício à arte é o país “em que mais temperado for o clima”. Já houve porém quem acreditasse nisso, como não se desconhece, com base em Buffon e Montesquieu...

No artigo sobre os *Versos Diversos*, de Antônio Sales, trabalho cujo título é “Uma Estréia Ruidosa”, tomando o verso “Foi com as tranças dormir nos sapatinhos”, ensina: “O primeiro hemistíquio seria corretíssimo se o poeta houvesse escrito co’as tranças, em vez de com as tranças.” Até admira que também havendo perpetrado versos, incorra Adolfo Caminha em falha tão bisonha.

Mas é inegável que o escritor se sai muito bem em sua defesa aos ataques sofridos quando da publicação d’*A Normalista*, no artigo já referido, e no qual refuta “a intolerância da crítica nefelibata”. Falando de Lupe, de Afonso Celso, condena o jacobinismo em arte e indaga: “Por que razão havíamos de negar talento às gerações que nos precederam?” No trabalho intitulado “Musset e os Novos”, investe contra os que, empolgados com Baudelaire, tentavam desmerecer nos versos do poeta das “Nuits”. E faz esta profecia notável: “As escolas desaparecem, ficam as obras; amanhã, quem sabe? outro poeta virá, outro gênio com idéias novas, com uma forma absolutamente original; mas nem por isso Baudelaire será esquecido.”

É admirável a compreensão de arte nesse jovem de 28 anos de idade: naturalista ferrenho, seria capaz de esperar que considerasse piegas todos os românticos, e ultrapassadas suas obras. Ao contrá-

rio, falando do Indianismo, faz, sobre José de Alencar, esta afirmação rigorosamente atual: “O estilo d’*O Guarani* não podia ser outro senão aquele mesmo — simples, despretensioso e espontâneo.”

Nada mais oportuno do que reeditar este livro que se tem altos e baixos revela no todo um escritor consciente e extremamente honesto, para quem, segundo suas próprias palavras, a “literatura e as artes de um país são cousas muito mais sérias do que vulgarmente se julga”.

O Pão. Fortaleza, 31 jul. 1995.